

Bom dia a todos,

Quero começar por agradecer a presença de todos os nossos convidados, da Câmara Municipal, da União de Freguesias da Sé e São Lourenço, da Escola de Hotelaria e Turismo de Portalegre, dos representantes do PCP, PEV e PS, da Entidade do Turismo do Alentejo e do Amalentejo.

Agradecer também a participação dos camaradas das Uniões de Sindicatos de Évora, Beja e Castelo Branco.

Obrigada também aos representantes das Comissões Obreras, da Associação dos Profissionais da Guarda e da UGT.

Um agradecimento especial à Fundação Robinson pela cedência deste auditório, designado a máquina por ter sido construído à imagem de uma máquina crivadora de cortiça, um ambiente industrial que combina com o movimento sindical de classe. Também à Escola de Hotelaria e Turismo, nosso vizinhos neste congresso, um agradecimento especial à Sra. Directora, Dra. Maria da Conceição Grilo, pela abertura das portas desta escola aos nossos convidados e delegados.

Bem vindos camaradas delegados ao 11º Congresso da USNA, bem vindos camaradas da Comissão Executiva da CGTP-IN, bem vindo camarada Arménio Carlos.

Será com certeza um dia bem passado nesta bela cidade alentejana, uma cidade cuja história se confunde com a do movimento operário.

A história dos últimos quatro anos de mandato da USNA confunde-se com a dos trabalhadores do distrito de Portalegre e do país.

A direcção regional da USNA tomou posse a 20 de Junho de 2015. Menos de 5 meses depois caía o governo PSD/CDS. Teve fim uma espiral de empobrecimento dos trabalhadores e de roubo dos seus direitos. Os trabalhadores foram os que mais empobreceram durante o governo passado e também foram eles, ao assumirem o seu descontentamento, ao dizerem basta e se organizando para lutar, que o derrubaram.

A solução política encontrada resultou da justa contestação dos trabalhadores que esperavam mais do que aquilo que tiveram.

Verificou-se por isso um crescendo das acções de luta nos últimos anos e o distrito de Portalegre não foi excepção.

Na administração pública, particularmente desde 2017, destacaram-se:

- as greves nacionais de toda a administração pública em 27/10/2017 que conduziu ao encerramento de 18 escolas, a de 26/10/2018 que levou ao fecho de 23 escolas e a de 15/02/2019 em que quase 30 escolas não tiveram actividade lectiva;
- a greve dos trabalhadores não docentes em 03/02/2017, a maior dos últimos 43 anos, e que levou ao encerramento de 14 escolas;
- as greves dos trabalhadores do sector da saúde, cuja mais recente teve lugar no dia 25 do mês passado, as greves dos professores a última das quais entre 1 e 4 de outubro do ano passado e que culminou numa grande manifestação nacional no dia nacional do professor a 5 de outubro;
- as greves dos enfermeiros, a greve dos trabalhadores da EGF, os trabalhadores da VALNOR no nosso distrito e as greves e manifestação dos trabalhadores do grupo Águas de Portugal, designadamente a greve de 24 de abril de 2018 que contou com a adesão a 100% do sector da manutenção na empresa Águas de Lisboa e Vale do Tejo no distrito de Portalegre.

Têm nas vossas pastas um documento que descreve estas lutas, de trabalhadores pela melhoria das suas condições de trabalho e simultaneamente das condições para prestarem um melhor serviço público às populações. Lutas em defesa da escola pública, do serviço nacional de saúde, do poder local e do sector empresarial do estado, reivindicando mais investimento público, combatendo encerramentos ou privatizações.

Camaradas, caros convidados,

Foram dezenas as acções de contacto que realizamos, com centenas de trabalhadores, ao longo dos anos.

O Movimento Sindical Unitário aprofundou o seu conhecimento da realidade laboral do distrito, criou mais estrutura, organizou o descontentamento dos trabalhadores, mobilizou-os para a luta.

Embora se tenha travado o ritmo de destruição de postos de trabalho e criado emprego, o emprego criado é precário e mal pago.

A acção sindical foi prioritariamente direccionada para a denúncia e combate à precariedade e para a luta por aumentos salariais, particularmente através do direito à contratação colectiva. Alterar esta realidade do emprego no distrito é fundamental para travar o despovoamento.

Ao longo dos anos aumentou o número de contratos a termo e através de empresas de trabalho temporário. Contratos que são a antecâmara do desemprego, correspondentes a funções de carácter permanente, muitos em grandes grupos económicos. Na Hutchinson de Portalegre e de Campo Maior, cada polo com centenas de trabalhadores, tem quase metade dos seus trabalhadores contratados através de empresas de trabalho temporário. A Randstad e a Markt

em Elvas, outros focos de trabalhadores, também têm uma taxa de precariedade superior a 50%. O contacto dos sindicatos da CGTP-IN com estes trabalhadores tem-se intensificado de tal forma que, ainda no final do ano passado, fomos forçados a pedir o apoio da PSP para exercermos a nossa actividade sindical e continuar o nosso trabalho de contacto e esclarecimento dos trabalhadores à porta da empresa. Vemos com muita preocupação esta atitude das empresas. O que é que receiam? Que os trabalhadores tomem consciência dos seus direitos e de como exercer-los? Que descubram que é possível com a sua unidade e luta melhorar as suas condições de trabalho?

Nunca desistimos e continuaremos a insistir e a persistir na nossa acção de classe. Queremos que todos os trabalhadores confiem no nosso empenho como nós confiamos na nossa força colectiva. Fomos e continuaremos a ir mais longe na divulgação da nossa mensagem e na afirmação da nossa natureza, na rua, nos locais de trabalho, nas paredes e nos muros, conscientes de que não é a forma que incomoda, é o conteúdo.

Sendo variadas, não são novas as estratégias para limitar o acesso dos trabalhadores ao exercício dos seus direitos: fragilizar as relações laborais, tentar impedir o contacto dos trabalhadores com o sindicato, restringir a sua liberdade sindical e, com perigosos e recentes desenvolvimentos, condicionar o direito à greve, através da imposição de serviços mínimos impraticáveis ou não aplicáveis e de campanhas que visam denegrir os trabalhadores em greve.

O MSU no distrito de Portalegre e no país tem trabalhado para que, qualquer que seja o tipo de luta desenvolvida, concentrações, manifestações, greves, se mantenha o foco naquilo que é mais importante: as reivindicações dos trabalhadores.

O medo de perder o emprego aumentou ao ritmo da precariedade. Trabalhador que não está seguro do seu vínculo cede com maior facilidade nos seus direitos e está limitado na sua liberdade sindical. São muitos os trabalhadores que preferem que a empresa não conheça a sua situação de associados de um sindicato da CGTP-IN, deixando-o à porta da empresa.

No final do ano passado, o MSU do distrito entregou um prémio, de pior empresa do ano de 2018, a uma empresa que tem desenvolvido acções de perseguição e castigo aos trabalhadores que exercem o seu direito a participar em plenário sindical dentro da empresa, a Amorim. Esta é também um exemplo e como a riqueza criada não está a ter efeito visível nos salários.

Na generalidade, aumentou o número de trabalhadores a ganhar o salário mínimo, uma realidade como grande incidência nos sectores dos serviços, comércio e hotelaria, precisamente onde mais se criou emprego nos últimos anos.

No sector da hotelaria o movimento sindical tem vindo a intervir com maior regularidade. Tratam-se de unidades na sua maioria com poucos trabalhadores aos quais é difícil chegar devido à precariedade e assédio laboral.

O assédio laboral é um problema que começa a ganhar visibilidade graças à intervenção e denúncia do movimento sindical, tal como aconteceu com a precariedade. É de facto um problema sério, transversal a muitos sectores e que, na nossa região, nos tem chegado através da exposição de casos graves de assédio pelas próprias vítimas, sobretudo trabalhadoras dos sectores da hotelaria, grande distribuição e sector social.

Também a luta pelo direito à contratação colectiva ganhou visibilidade nos últimos anos. Mais de 15 anos depois da entrada em vigor da norma da caducidade da contratação colectiva é visível o seu efeito no congelamento salarial e na chantagem que empresas, grupos e associações patronais desenvolvem contra os trabalhadores. Exemplo de uma luta incansável e persistente por este direito, alicerçada numa estrutura sindical de classe, é a das trabalhadoras das cantinas, bares e refeitórios dos hospitais de Portalegre e Elvas, que se mobilizaram para diversas acções de luta ao longo dos anos, nacionais e regionais, gerais e sectoriais.

A campanha nacional de direitos da CGTP-IN, “Valorizar o trabalho para um Portugal com Futuro” que teve início em Janeiro de 2017, deu-nos novos instrumentos de contacto com os trabalhadores e para continuar, numa acção integrada, a desenvolver a nossa intervenção e a mobilizar os trabalhadores para várias acções nacionais, de unidade dos trabalhadores de todos os sectores na luta por melhores salários, pelo direito à contratação colectiva, contra a precariedade. O movimento sindical do distrito de Portalegre mobilizou, nos últimos anos, estrutura e trabalhadores para 6 concentrações e manifestações nacionais, para a manifestação nacional em defesa da escola pública, para a manifestação nacional em defesa de um serviço postal público e ainda, para as manifestações nacionais da Interjovem através de campanhas de denúncia e combate à precariedade, um problema com particular incidência nos trabalhadores mais jovens. Organizamos semanas da igualdade no nosso distrito, com acções de esclarecimento e intervenção em locais de trabalho cuja maioria dos trabalhadores são mulheres, debatendo acerca dos problemas que afectam particularmente as trabalhadoras, como a parentalidade, a desregulação dos horários de trabalho, as doenças profissionais, a conciliação entre o trabalho e a família, mas também direitos de todos e que só podem ser garantidos com a participação de todos, homens e mulheres, na luta. As semanas da igualdade são também momentos para a mobilização das trabalhadoras para a manifestação nacional das mulheres, que se realiza em 2019 pelo 3º ano consecutivo, no dia 9 de março. Tem sido com orgulho que temos juntado esforços ao MDM,

possibilitando às mulheres do distrito de Portalegre marcar presença numa manifestação que é de cor e é de luta, dando visibilidade à importância que tem a participação da mulher trabalhadora no movimento reivindicativo e devolvendo o carácter de classe ao dia internacional da mulher trabalhadora.

O 1º de Maio tem refletido a intensidade da actividade e intervenção sindical regional. A cada ano vemos aumentar o número de participantes. A cada ano o MSU é compelido a criar melhores condições para a organização das comemorações do dia do trabalhador, para uma maior expressão e visibilidade das reivindicações dos trabalhadores do Alto Alentejo.

O MSU do distrito tem intervindo em todas as matérias que são do interesse dos trabalhadores do Norte Alentejano. Foi nesse sentido que nos juntamos ao Amalentejo, um movimento de todos os que querem o melhor para a nossa região, melhores condições de trabalho mas também de vida, de infraestruturas e de investimento público. Organizamos acções de divulgação e participamos em muitas outras, sempre pela possibilidade de levar à assembleia da república uma proposta de criação de uma comunidade regional do Alentejo, incluindo os 2 congressos do Amalentejo, o último dos quais, a 30 de junho e 1 de julho de 2018, no nosso distrito, em Castelo de Vide.

Participamos no Conselho Sindical Interregional, juntando-nos aos companheiros espanhóis na reivindicação de uma outra política de acessibilidades para as nossas regiões, em defesa do transporte ferroviário de passageiros na linha do leste.

Camaradas, caros convidados

A acção da CGTP-IN no nosso distrito e no país tem sido intensa e prolífica e não podia ser de outra forma. Muitos trabalhadores portugueses empobrecem a trabalhar. A única forma de lutar por uma mais justa repartição da riqueza é nos organizando.

Os trabalhadores precisam de um movimento sindical forte. A CGTP-IN realizou o seu 13º congresso em 2016, no decurso do mandato da USNA que agora termina. Também ao nível regional foram tomadas medidas de reforço, com a realização de mais plenários regionais de sindicatos ao longo dos anos e com a mudança das instalações da delegação sindical conjunta de Elvas e dos seus 5 sindicatos em junho de 2017. Terminamos este mandato com a certeza que ainda durante o ano de 2019 terão início as obras para fazer da antiga sede dos corticeiros em Portalegre a nova Casa Sindical de Portalegre e Arquivo do Movimento sindical e operário do Alentejo.

Temos um dia de análise, reflexão e discussão pela frente. As prioridades que decidirmos para o nosso trabalho terão que passar necessariamente pela resolução dos problemas que os

trabalhadores da nossa região nos têm colocado e pelo contributo que a sua luta dá à luta mais geral dos trabalhadores. É uma responsabilidade que temos assumido e que continuaremos a assumir com orgulho e confiança.

Viva a luta dos trabalhadores,

Viva o 11º Congresso da União dos Sindicatos do Norte Alentejano

Viva a CGTP-IN!